

O VÔO DO CURAU

Vicente Franz Cecim fala da transfiguração da Amazônia em Andara e do Manifesto Curau em defesa da região

- Andara é Geografia Verbal, dialogando com a Geografia Física da Amazônia, que, por ser Lugar de Natureza, é Lugar do Sagrado em epifania. Se não existisse a Amazônia e não se desse a circunstância fatal de eu ter nascido lá, talvez não houvesse Andara. Certamente, não: não haveria Andara. Então, Andara começou se nutrindo da Amazônia. Da Realidade da Amazônia. Mas da Realidade Onírica da Amazônia.

Realidade Verbal/VFC

Enquanto *Flagrados em delito contra a Noite/Manifesto Curau*, o *Manifesto I*, de 1983, foi uma Palavra para Todos, o que falou após ele vinte anos depois: *No Coração da Luz/Segundo Manifesto Curau*, ou não é uma Voz que se dirige, com menos ingenuidade, objetivamente cético-estóico-Sêneca apenas às Gerações Futuras. Nesse sentido, houve, em relação ao que o anterior propunha, uma redução de expectativas ou um des-iludir-se como libertação das falsas esperanças: - Como creio que as Mutações das Consciências se darão lenta e impura mente mescladas aos vícios mentais acumulados nas gerações passadas, tendi a inclinar minha esperança para um Dom da Vida: a *Fugacidade dos Homens e das Coisas*. E louvar que nada, em baixo, se mantenha o Mesmo - sim, Heráclito - embora tudo, no alto, permaneça o Uno - sim, Parmênides. Pois parece um Bem e uma Graça que os homens, enquanto Entes da Vida Visível, a manifesta, sejam Efêmeros e as coisas mutáveis, e que os frutos antigos desmoronem e se desfaçam, mas semeando Sementes. Eis, estão: - *Se* essas Sementes vierem contaminadas por *Aquilo*, oculto, que levou o Fruto à decadência, *estão estaremos perdidos*. Sonho esta Utopia, no *foradentro da VidAndara*: - Sonho que, *Se*, florescerem duas gerações inteiramente inter-rompidas com o passado, nascidas - que Milagre, ó ser de espanto - *sem antecedentes* - isso limparia, lavando e queimando, a Vida humana de seus Vícios públicos e privados. E assim entendo que metáforas como *Dilúvio & Apocalipse* são, especificamente, essa Fugacidade que possa vir nos libertar das cadeias. No duplo sentido, de elos e prisões.

Dom Fugaz/VFC

Belém, junho de 2009

Como surgiu o Manifesto Curau?

Vicente Franz Cecim: *A criança das cigarras – de que vai se falar mais adiante neste inventário arqueológico, mas não rigorosamente cronológico, dos passos dados ao longo da viagem a Andara – havia se tornado um homem jovem que oscilava entre a Contemplação e a Ação diante das coisas que testemunhava e vivia. E vivíamos em uma Ditadura. Milhares de pessoas haviam vindo para Belém e iam realizar o congresso da SBPC no coração da Amazônia. E eu sentia a suspeita de que aquilo fosse uma farsa coletiva, sem conseqüências fundamentais para a região. Então escrevi, jorrei com denúncias e exigências poético-políticas o Manifesto. E na cerimônia de abertura do congresso no Teatro da Paz, com as autoridades civis, militares e eclesiásticas presentes como que emergidas de um filme de Buñuel, invadi o palco no meio do discurso do Governador do Estado, interrompi e entreguei o Flagrados em delito contra a noite/Manifesto Curau a ele. Grande silêncio. Disse algumas palavras. Grande silêncio, constrangido. Mas eu ria, contente, consciente de que estava fazendo o que devia ser feito. Foi assim. Anos depois, o Manifesto saiu em páginas inteiras de dois jornais grandes, A Província do Pará, em Belém, e A Crítica, em Manaus, e em livro editado pela Funarte sobre o congresso Um Olhar Amazônico, feito em Manaus.*

Você nasceu e vive na Amazônia. E após ter iniciado os livros visíveis de Viagem a Andara oO livro invisível disse em uma entrevista que a Amazônia é para você o que a Floresta Negra deve ter sido para Heidegger. Ainda sente o mesmo?

VFC: *Sim e não. Porque à medida que a Amazônia, de região natural, foi se transformando na região verbal de Andara, Andara cresceu tanto que hoje como que contém todo o Universo, certamente parte do Visível nos livros que escrevo, mas todo o Invisível no livro que não escrevo. E hoje eu diria que Andara é para mim o que o Uno foi para Plotino. Ou o Tao para Lao-tsé e Chuang-tsé. Lembremos nesta escavação de declarações passadas algo que eu também disse: - Andara é Geografia Verbal, dialogando com a Geografia Física da Amazônia, que, por ser Lugar de Natureza, é*

Lugar do Sagrado em epifania. Se não existisse a Amazônia e não se desse a circunstância fatal de eu ter nascido lá, talvez não houvesse Andara. Certamente, não: não haveria Andara. Então, Andara começou se nutrindo da Amazônia. Da Realidade da Amazônia. Mas da Realidade Onírica da Amazônia. A Amazônia é um tecido infundável de lendas, fábulas. Lá, aqui, parece não haver fronteiras muito nítidas demarcando onde termina a Realidade e começa o Sonho, e vice-versa. Em Andara também é assim. Mas não falo da Amazônia que aparece, mimetizada, na Literatura de Cultura, a erudita, a que se faz escrevendo palavras: falo da literatura Oral da região. Dessas raízes é que foi nascendo a não-árvore de Andara. Árvore que se iniciou como Árvore de Palavras, mas aos poucos foi buscando se tornar o que hoje é: uma não-Árvore de Palavras. Árvore Invisível. Esse tipo de Árvore, ninguém pode incendiar e reduzir a cinzas com fazem com as árvores da Amazônia.

Fale mais de como se deu essa transformação da Amazônia em Andara. É válido perguntar: Andara é a Vida ou apenas Literatura?

VFC: As duas coisas, numa só. Também já falei longamente sobre isso. Andara é uma região imaginária, toda ela onírica, que eu criei, ou que quis se criar através de mim, de qualquer maneira: que eu sonhei, mas sua matéria prima é essa Amazônia, a Floresta Sagrada onde eu nasci, com suas águas, seus peixes, suas aves, seus insetos, seus animais, suas árvores. Só que em Andara pode acontecer ainda mais acontecimentos e seres trans-reais do que acontece na Amazônica, que em si já é uma região naturalmente encantada: em Andara, árvores podem falar com os homens, aves que caem do céu se transformam instantaneamente em terra, retornando ao pó, o vento vem nos contar histórias, tu podes te deparar com uma mulher alada como Caminá, do segundo livro visível de Andara, Os animais da terra, há muitos outros seres alados em Andara, talvez anjos ou sejam demônios, que descem do céu com suas asas negras, com suas asas brancas para conviver com os seres humanos. Também é grande a presença de serpentes em Andara. Pois o que está no Alto é como o que está Embaixo, como disse Hermes Trimegisto. Andara é lugar de sonhar, em Andara tudo é possível, Andara é a imaginação em liberdade, Andara quer abolir a razão do ato de escrever. Andara é quase um manifesto prático contra a literatura regionalista, mimética, que geralmente se limitava a copiar, e copiar mal, a realidade amazônica. Mas a realidade é oculta em si mesmo: se disfarça em sua epiderme. Fazer literatura assim é ampliar o ilusório. Heráclito, que entendia dessa Obscuridade, já nós advertiu há quase 25 séculos atrás: -

Vida ama se ocultar. Andara quis romper, desde o primeiro livro, A asa e a serpente, de 1979, com essa tradição que quer nos reduzir a criadores de uma literatura superficial, anedótica, supérflua, com raras e parciais exceções. Quais? Só cito nomes quando chegar o Dia do Juízo Final, então os bons serão separados dos maus, segundo as Escrituras. Por enquanto, digo apenas isso. Escrever, sonhar os livros de Andara foi uma opção muito solitária, e do que havia sido escrito aqui na Amazônia, pelos escritores cultos, chamemos assim, eu não me nutri de quase nada. Meu único alimento foi a literatura oral, as lendas, os mitos, que aprendi desde criança a admirar através da minha mãe, Yara Cecim, hoje também escritora, que nos contava, não os contos dos irmãos Grimm, de Perrault, que tem coisas encantadoras, no sentido de Encantamento, de Andersen, que faz Magia e é todo ele um escritor deslumbrante, mas umas histórias delirantes da região, para nos fazer dormir, a mim e aos meus irmãos. O sono vinha, mas como um portal de acesso a todo esse mundo feérico. Não sabíamos mais o que era natural e o que era sobrenatural.

Foi essa então a genealogia de Andara. Há nela muito da sua infância na Amazônia?

VFC: Mas eu devo repetir, ainda uma vez, aqui, que não se pode dizer que essa Andara que se criou através de mim é a Amazônia, não é a verdade. E dizer que a Amazônia é Andara, também não é a verdade. Não há uma verdade única nesse caso. Onde está a verdade, então? Se se olhar com olhos de alquimista, que são os únicos que interessam, vai se perceber que o que se dá é uma transmutação: a Amazônia é a matéria prima, Andara é o resultado. O que sobra, fica de fora: é o que os alquimistas chamavam resíduo. A transmutação da Amazônia em Andara deixou muita resíduo, material imprestável para literatura. E como em toda a Alquimia, e a alquimia da criação literária não é diferente, para entender o que acontece é preciso compreender estas palavras de Raimundo Lúlio: - Deves saber, meu filho, que o curso da natureza é transformado, para que tu (...) possas ver, sem grande agitação, os espíritos que se evolvem (...) condensados no ar, sob a forma de diversas criaturas ou seres monstruosos que vagueiam de um lado para o outro como nuvens. Essas são palavras misteriosas, mas não há outras melhores para se iniciar na transfiguração da vida pela arte. É por isso que, como eu disse: Andara é lugar de sonhar. E eu digo: A viagem a Andara não tem fim. E depois de mim, outros, que vierem, poderão dar continuidade à viagem a Andara e habitar seu território, com outros livros, outros sonhos, outros seres de

espanto. Ou a nossa imensurável libertação - não digo libertação do Homem, não é isso, mas a libertação do Humano, através do que, em Andara, eu chamo de o umanoH. É assim mesmo - esse H, que nem aspirado é, se deslocando nos livros de Andara para o fim da palavra, ou sua vanguarda, no sentido do avanço da escrita ocidental - desobstruindo o nosso possível U de sermos já sem fragmentações: no Uno. Nem sub nem sobre - mas através. Essa é, ela sim, uma Aspiração muito elevada. Se situar num ponto de vista em que todos os tempos, todo tempo, são tempos atuais. O que seria o mesmo que dizer: imemoriais. É esse o Senso - não exatamente o sentido - da literatura Visível & Invisível de Andara.

Os Manifestos mostram você ativo, interferindo na realidade e na História. Mas quando se trata de Andara você diz que Livro Invisível é uma forma do autor se ausentar e deixar que unicamente a vida escreva, sem mediação.

VFC: Mas na Literatura a Ação é essa Inação. Wu Wei, diz o Budismo. Uma ação não ativa. É sempre a vida que nos escreve, nós não escrevemos nada, é o Nada que nos escreve escrevendo a vida, as paisagens, os homens, as chuvas, o vento, as vozes das coisas, seus cantos também, através de nós: somos o Lápis que Escreve o Livro que escrevemos vivendo. Os livros escritos são também apenas cópias mal feitas desse Livro, e nossos lápis têm pontas rombudas. Mas um dia escreveremos como passarinho canta: de repente canta, e canta porque canta, sem saber por que. Na verdade, não canta: é ela: Ela: quem através dele canta, a Vida real oculta em nós, em tudo. Mas lá encima já falei errado de novo, preciso corrigir isso: eu não quis dizer Nada, essa palavra eu deixo à deriva no Ocidente, eu quis dizer Vazio. Eu quis dizer: - O Vazio que transborda. É ele que nos escreve escrevendo a vida. Eu fui sabendo disso à medida então que ia escrevendo os livros visíveis de Andara e Viagem a Andara oO livro invisível, esse não-livro, ia se formando: nutrindo esses livros para que eles existissem e deles ia se desnutrindo para existir em sua não existência. Andara me escreve, por isso escrevo Andara. Se eu fizesse literatura apenas - o que não serve para nada, ou para muito pouco - e não deixasse a Literatura de lado para me dedicar, dedicar toda a minha vida, a praticar essa Alquimia de me tornar cada vez mais um ser de Escritura e cada vez menos um homem escritor, Andara não existiria. Andara, sabe o que é Andara: é um Serdespanto geográfico. Já a Amazônia é - poderia dizer: só, para deixar bem claro - uma geografia espantosa. Mas é a Amazônia, a Natureza

Sagrada, que torna possível essa impossível Andara. É a parceria do Real que nos Sonha com os nossos Sonhos do Real.

Leo Gilson Ribeiros, Antonio Hohfeldt e outros críticos, inclusive o português Eduardo Prado Coelho, quando seu livro *Ó Serdespanto* foi lançado em Portugal, evocaram Guimarães Rosa escrevendo sobre você. Há uma relação entre Andara e o Grande Sertão, entre a sua literatura e a dele?

VFC: O que eles vêem talvez seja que são literaturas de invenção de linguagem, ou porque minha escritura tem a mesma má intenção da de Guimarães Rosa: abolir as fronteiras artificialmente demarcadas entre a prosa e a poesia. Mas, talvez, principalmente, porque Rosa fez com o Sertão - e o próprio Manifesto Curau já falava sobre isso - a mesma coisa que eu tento fazer com a Amazônia: transmutar, ele, o Sertão, eu, a Amazônia, no que eu chamo de regiões metáforas da vida. No Manifesto de 1983 eu digo: - Aqui, procuro um nome numa região similarmente deprimida e asfixiada como a Amazônia. Um nome exemplar. E uma região real e inventada igualmente exemplar. Falo do Sertão de João Guimarães Rosa. (...) Em sua geografia, como nenhum outro, Guimarães Rosa soube fazer o encontro revelador do seu destino individual com o destino da sua região, mais ainda, soube transformar esta região numa metáfora de toda a vida. Nele, em todos os seus livros-salmos, livros-santos, livros-rituais de iniciação na existência, falam mitologias pessoais. E falam também as mitologias da sua região.

De fora da Amazônia se poderá entender Andara? E ter plena consciência das exigências dos dois manifestos Curau, considerando também o Segundo que você apenas como que esboçou, atualizando o primeiro?

VFC: Para isso elas terão que penetrar muito profundamente não apenas na Amazônia, ou viajar através de Andara. O que puderem vir a compreender virá das perguntas que fizerem às suas próprias vidas. Perguntar, peregrinar, pelo mundo, por si mesmo, pelo Visível e pelo Invisível. Através do tempo-espaço. É a mesma coisa. E Andara parece vir disso, de Andar, do verbo andar. – Nossa Tribo Peregrina por Todos os Recantos do Real e dos Sonhos, lembro que uma vez eu disse isso sobre Andara. Andara provém do verbo Andar? Afinal, é Viagem, não é? É a Viagem a Andara. É Peregrinação, Lugar de Peregrinações através dos livros visíveis que escrevo e do Livro Invisível que não escrevo e vai se formando como Livro Neblina a partir dos

livros escritos e só pode ser lido em Imaginação. Eu falei sobre isso bem no começo da Viagem, abrindo os livros de Andara. Lá está escrito: - Situação dos livros de Andara: condenados à visibilidade para que Andara, a viagem ela mesma, possa existir como pura ilusão. Então, disso nasce uma delicada Teia de Espelhos e quase insuportável Tensão: Tensão que só pudesse ser manifestada se Andara se desse em um outro espaçotempo que não mais o da Literatura instalada ora no Presente, ora no Passado, ora no Futuro, mesmo quando ela, a Literatura, mescla todos esses modos de tempo numa só Espessura de Tempo. Espessuras comunicantes. Para Andara, nada disso resolvia mais: a sua exigência extrema, a exigência que me fazia e continua fazendo, desde seu início até hoje, é a de uma Abolição de qualquer Espessura. Sob essa pressão, aonde ela me conduziu aos meus limites, junto com os sem-limites dela, os sem-limites em que queria se instaurar, explodi para fora e para dentro de mim num Tempo Verbal que fosse o Único em que Andara pudesse se dar, não se dando, e falar não se falando, entre o Invisível e o Visível: o Tempo da Hipótese. Sem habitar o Tempo da Hipótese, na Vida como na Arte, não se entende nada.

Abolições, hipóteses, peregrinações sem limites. Uma abertura para tudo. Isso é Andara?

VFC: Sim. Vivo repetindo isso. Essa Abertura Total. Andar leva a ando, andei, andarei. Andara nunca quis a Imobilidade. A Quietude, sim, mas nenhuma imobilidade. Andara se move como as Águas da Amazônia, incessantemente. Pergunta e Peregrina. Andara quer o Sonho Verbal dos sendo, fosse, estaria, haveria de, houvesse, enfim, do: Andara. Eu Andara, tu Andaras, ele Andara. Por onde andaríamos, andássemos todos quando andamos em Andara, através de Andara, através dos livros visíveis de Andara? E andando através de nós, sempre, o Livro Invisível de Andara? Mas através de Andara, ah, não se irá à parte alguma. Pois o sentido da Viagem a Andara é a Viagem em si mesma. A si mesma. Através de Andara vamos, de alguma forma vamos. Sim. Ou não vamos? Nunca fomos, nunca iremos? Também parece que Sim. Mas vamos num ir sem ir, num ir ficando, e permanecemos num ficar indo, a meta esteja atrás, ora adiante. Ora meta alguma, ora todas as metas. Quais? Mas quais? A meta sem meta com meta, por isso, Andara é a Viagem ela mesma, em si. Em Andara, estejamos indo, sempre, inapelavelmente, não há remédio, através de Luzes, através de Sombras. Neblinas humanas através da Neblina de Mundo. Andara? Para tentar dizê-la de uma só vez e mais uma vez, claro que inutilmente, pois ela nunca se entrega inteiramente,

Andara é, enfim: Demanda de Penumbra: Demanda do Graal dessa luz crepuscular e ao mesmo tempo dessa luz de Aurora, dessa entreluz onde já nenhum Sol exterior brilha mais ocultando a Luz ao mesmo tempo Natural e Sobrenatural que todas as coisas, tudo, emite de Si, e disso já falava Paracelso, e é um Saber dos Alquimistas, se dando a perceber, se dando a conhecer em suas Identidades Veladas. Em Andara, estamos cegos para ver. Ou, talvez, fiquemos cegos por tanto ver Clarões na Noite em que tudo é Chama Oculta. Por isso eu disse no começo da nossa Entrevista: Andara já não é mais o que um dia foi a Literatura, como certa Tradição, se espessando em nós, nos acostumou a aceitar. Teve que ser um outro tecido mais fino de Escritura para poder se fazer desvio ontológico, introspectivo, em relação ao homem e em relação à vida inteira, a Manifesta e a Oculta. Em relação à Literatura, como prática da palavra designativa, palavra nefasta que cada vez mais se instala entre nós, Andara só sabe falar a Voz das Perguntas, muitas perguntas. Mas de um certo jeito que quase abole a necessidade de respostas. As respostas já estando contidas nas perguntas, ao serem formuladas. Um homem lúcido sabia disso: Krishnamurti. E um outro sabia a pergunta certa: Ramana Maharsh, que recomendava o Vichara, a Inquirição. Andara é Vichara, é toda ela Escritura de Pergunta, mas que se inventa mundo, mundo verbal, não só após ter recebido as respostas, e sim no próprio ato de perguntar. De se perguntar suas respostas à Vida. A Surda que nos Ouve. Quem está disposto, sem Temor, a imergir assim em indagações? Ah, é a Andara que eu pergunto: - O que eu sou? É a Pergunta Certa.

Os Manifestos Curau, I e II, não lutam apenas pela integridade da Natureza amazônica, também lutam pela integridade do Imaginário da região.

VFC: Na Amazônia, um Real Imaginário é como se fosse uma Segunda Natureza. Os homens na Amazônia tanto vivem quanto contam histórias. Em relação à Literatura, não há nada demais em contar histórias, ainda. Eu sempre conto histórias, quase Contos de Fadas, nos livros de Andara. O homem ainda está no estágio de ouvir histórias, de se contar histórias. A Amazônia que nossa mãe Yara nos contava para nos fazer dormir me ensinou isso: a amar e respeitar isso, as histórias dos seres, dos homens, da vida. Eu ia adormecendo e mergulhava nessas histórias da Infância, me tornava também personagem delas. Se apagava a fronteira entre a Vigília Diurna e o Sonhar Noturno. Isso também nutriu, certamente nutriu muito Andara, quando eu ainda nem suspeitava que ela me viesse um dia, como acabou vindo. A própria Vida talvez

não seja mais do que uma História que vivemos como personagens de um Autor desconhecido. Isso é ainda Medieval. E tantas vezes a Vida parece ser aquela “história cheia de Som e Fúria, contada por um idiota, e que não significa nada”, como disse Shakespeare. Mas tudo oscila. Estamos num pêndulo. E não devemos fazer definições definitivas sobre nada. O mesmo Shakespeare disse que “somos feito do mesmo estofado de que são feitos os sonhos”, outra percepção da vida muito medieval. Andara, eu digo: é uma coisa bem medieval. E de certa maneira eu sou um homem medieval. Tenho uma Segunda Natureza Imaginária, como a Amazônia. A Idade Média, com suas Visões alucinadas, como em Bosch, Breughel, Platiniir, junto com o mundo dos chamados pré-socráticos, foi o que no Ocidente sempre me atraiu. E então, houve todos aqueles antigos autores, como John Bunyan, Jonathan Swift, Baltazar Gracián, Cervantes, Laurence Sterne, contando histórias, eles são precursores do que hoje surge como uma Literatura de Escritura, a caminho, e eles vêm de longe, antecipando, preparando – e fazem isso contanto histórias - uma compreensão sempre mais e mais libertária da Literatura como Simulacro da Viva Vivida, às vezes revelador, às vezes mais velador da vida ainda. Esses escritores, com suas histórias, grandes encenadores de Alegorias, Fábulas, Parábolas, mestres da Metáfora viva mais viva que a Vida Vivida, agentes iniciatórios na conscientização do Sermos o Sonho de Sermos, rompedores dos grillhões da Mimética, superadores do homo faber no fazer literário pelo homo sapiens, superadores do homo sapiens no saber literário pelo homo ludens, povoadores do Onírico, transeuntes do humano ao que eu já chamo de: o Umanoh, Nosso denso Ocidente e, ah, ainda sabemos tão pouco do mais sutil, do Oriente.

Não vê contradição em defender a integridade da Natureza amazônica e, ao mesmo tempo, transfigurar a região na Natureza Onírica de Andara?

VFC: *A integridade da Amazônia deve ser entendida como deixar a região em si mesma, com a sua Natureza livre, para que ela prossiga em suas metamorfoses. Nenhuma interferência humana, que é sempre uma violência não autorizada pela Vida. Como Andara, a Amazônia também é um território de mutações, mas nascidas delas mesmas, não impostas de fora. Esta nossa investigação arqueológicas recuando nesses últimos 30 anos de Andara nos mostra, aqui, o que uma vez eu respondi a isso assim: - Andara, o que ela parece mais querer, é o Advento de uma Literatura Fantasma. Fantasma como são os seres de Neblina que a percorrem. Mas ainda mais sutil que eles. Andara, os livros escritos, os livros visíveis de Andara, ainda pudessem ser lidos*

por quem assim quiser, ou não puder mais que isso, como Literatura Fantástica. Mas o Livro Invisível de Andara, aquele que não-é escrito, aquele que já é não-livro, ou nunca será, esse: Isso, já é Literatura Fantasma. Literatura de Ausência. Está para a Literatura como os números trans-finitos de Georg Cantor, talvez eu pudesse comparar, que se iniciam ali, seja Onde isso for, onde os números finitos se acabam. Literatura Fantasma é Literatura de Ausência de Literatura. De Ausência até mesmo da Presença Rarefeita da Escritura, por mais rarefeita que ela seja. Está num além em nós. Nietzsche perguntando pela voz de Zaratustra: - O homem é coisa ultrapassável, o que fizeste para ultrapassar o homem, o que fizeste para atingir o Além do Homem? O Nazismo quis fazer o mundo ouvir Nietzsche dizendo: - Super-Homem. E ele disse: - Über mensh, e isso é dizer: - Além do Homem. Zaratustra, em seu profundo desprezo generoso pelo homem e suas tolices era o oposto do desprezo cruel e pervertido do Nazismo pelo homem. Esse mesmo Nazismo que se apossou da sabedoria da Suástica Ariana, a mais perfeita síntese ancestral do Universo e sua Origem e Sentido, e a usou como Signo do Mal na Terra praticado por homens de Má Vontade. Mas para além disso tudo, essa é uma visão ocidental, a visão ocidental de Nietzsche. Andara se desampara é no Tao. Andara quisesse fosse as Outras três partes do discurso que se mantém secretas, não são postas em movimento, mencionadas pelo Hino do Rig Veda, que diz que só conhecemos a quarta, que é a língua dos homens. Andara não busca nada assim, como neste trecho de Nietzsche, com um sentido único de Ida: Andara busca, no homem, tanto o - umanoh quanto o - umano, tanto o além quanto o aquém do homem. Preferentemente, o Aquém.

Voltando bem atrás, antes do aparecimento de Andara: Quem era Vicente Franz Cecim?

VFC: *Estamos escavando ainda mais fundo, então? Vamos adiante, recuando. Desde que abri os olhos, me senti um ser de espanto. O Serdespanto somos todos nós, para isso basta ter nascido. Mas um ser de espanto pode vir à tona da Vida de duas maneiras. Que eu vejo assim: se alguém ao nascer se assusta, está perdido. Vai viver no Medo. Mas se em vez de se assustar se Encantada, então começa a viver a Viagem a Andara. Tudo surge para os olhos da Curiosidade, do Estranhamento fascinado. Esses jamais dizem: - Estou na Vida. Esses sabem e dizem: - Eu sou a Vida. A diferença é imensa. Todo o desastre humano parece se dever a essa diferença entre se sentir um estranho de passagem ou se sentir tão íntimo da Vida quando uma árvore, peixe,*

estrela, inseto, o Fogo, a Água. Esse Temor é para sempre, irreversível? Gostaria muito de dizer já sem nenhuma Hesitação: - Não. Mas avancei pouco em relação ao que antes disse sobre isso: - Cada um é um serdespanto à sua maneira: uns, mais ser no serzinho humano e menos no Ser de Tudo, outros mais sendo no Ser de Tudo e só um serzinho de nada em si mesmos. É uma questão de despertar o pequeno s para o grande S ou não. Mas haverá mesmo essa diferença? Possivelmente, não: somos sempre o grande S contido, Oculto, no pequeno s que somos. Isso é ser no foradentro.

Você está esquecendo a Criança da Cigarra, que depois viria a invadir o palco do teatro lançando o *Manifesto Curau* sobre a platéia. Ela ainda existe, ainda viaja em Andara?

VFC: Sim. Há muitas crianças em Andara, elas aparecem por toda parte. Começamos a retornar ao Agora. Essa Criança viveu uma experiência que já contei outras vezes e nunca esqueço. Experiência que me revelou estranhamente o que talvez sou: lá pelos 4 anos, morava num casarão antigo em Belém com muitos, muitos tios, tias, primos e os meus pais e minha avó, mas fugia do tumulto feliz da grande família para ficar sozinho na rua sempre deserta ao lado onde passava o muro imenso para aquela Criança e compacto de um cemitério já então só habitados pelos mortos, o Cemitério da Soledade, onde ninguém mais era enterrado fazia anos. Era sempre no crepúsculo isso, e enquanto a luz ia se esvaziando na Terra que adormecia, as estrelas se esboçando no céu, e a lua branca, a que aparece para nos alucinar de dia, de olhos abertos, ia cedendo seu lugar à lua amarela, que aparece nas noites para nos alucinar de olhos fechados, e o Silêncio ia se instalando em tudo com sua presença sagrada de ausência dos sons: pois pense nos anos 50, um tempo lento e vazio das agitações modernas numa cidadezinha lenta como Santa Maria de Belém do Grão Pará: então, nesses crepúsculos melancólicos, como eu ia dizendo, as cigarras começavam a me chamar das gigantescas mangueiras enfileiradas ao longo do longo muro da Soledade: Ce cim Ce cim Ce cim. Foi a primeira vez, que me lembro, que pressenti o que eu fosse, o que eu era. Não o que parecia ser. O que depois se tornou aquela compreensão de que já falamos: - Despertar o pequeno s para o grande S. Entender a possibilidade de sermos o grande S contido, Oculto, no pequeno s que somos. Enfim: Ser no foradentro.

Entre a infância e o presente, cabe aqui perguntar: o que é o Tempo para você, já que Andara se dá no Tempo da Hipótese. E saltando para 1983, o ano em

que você lançou o primeiro *Manifesto Curau*. De que maneira as idéias contidas nele refletem a Amazônia daquela época? E a de agora?

VFC: Estamos no Tempo, falando do Tempo. O Tempo contém Mutações e sua própria existência é Unidade. Há o Ser Móvel de Parmênides e o Ser Móvel de Heráclito, em todos nós. Em tudo. No Todo. Não tenho ilusões quanto a isso. A Consciência pode mudar num vislumbre. Iluminação, Satori. Mas as Ações humanas se arrastam, se essa Iluminação não acontece. Assim se dá com a Civilização, agora como antes, na sua relação com a Natureza. Mas quanto ao que mudou ou não sobre a relação do mundo com a Amazônia, o Segundo Manifesto já fala disso, não preciso repetir aqui. Fiquemos no Tempo. Eu tenho, mais do que uma impressão, uma Sensação profunda da superfície das coisas e só ela se deixa dividir dessa maneira - Futuro, Passado - mas no fundo do Profundo alguma Coisa é in-divisível. O Imemorial é que tudo está, sempre, se-fazendo e se-des-fazendo. Este Presente é um ir-e-vir de algum lugar para lugar algum. Nisso estando a nossa perdição? Nosso extraviamento? Ou nosso desvio pelo Saber. Ou a nossa imensurável libertação - não digo libertação do Homem, não é isso, mas a libertação do Humano, através do que, em Andara, eu chamo de o umanoH. É assim mesmo, como já disse, a des-obstrução do nosso possível U de sermos já sem fragmentações: no Uno.

Suas lutas na Literatura são as mesmas que na Vida?

VFC: Parece que sim. Aqui fora, são mais densas. Nos livros, mais intensas, mas mais sutis. A Vida, porém, ainda que se ocultando, quando se deixa ver me mostra alguma coisa que a torna mais Secreta e mais Bela que a Literatura. Mas porque a Literatura quer a amplidão, ela tudo amplia e provoca estranhos milagres nas fronteiras das impossibilidades da Vida imediatamente dada. No entanto, é precisamente nela, Vida, vivendo, nos vivendo em nós, e certamente também escrevendo, que se corre o risco de obter a Revelação essencial: a de que o natural é sobrenatural e sua versão refletida num espelho: a de que o sobrenatural é natural. Essa consciência é o alimento, o Único, que devesse nos nutrir enquanto seres e enquanto criadores, e o que dá sentido à Literatura.

Polyanna: Andara é essa busca de amplidão. É essa mesma amplidão que você insiste em preservar manifestada na Amazônia imensa?

VFC: *O sentimento da Amplidão nos leva a buscas. E o que a gente busca, nos acha. Ouve o chamado. Aprendi isso numa Visão que tive. A Amplidão vem a nós, ao nosso Encontro com ela. E a Amplidão guarda revelações que não estão imediatamente diante de nós. A Amazônia já um uma manifestação da Amplidão, em si mesma. Mas para se dar a essa Busca, Andara tinha que ser, e nisso se tornou, Lugar de Nenhum Lugar, o que equivalesse a dizer Lugar de Todos os Lugares.*

O que habita a Amazônia também habita Andara?

VFC: *São miragens e realidades semelhantes, embora de outras consistências. Na Amazônia, além da Natureza, há homens. Homem que se tornam personagens, na Literatura. Mas em Andara já não há personagens, coisas, acontecimentos: há seres Neblinas, coisas Neblinas, sombras de acontecimentos imersos em rarefeitas Neblinas. Como aquele Serdespanto. Coisa aérea entre Céu e Terra, imerso em Perplexidades, as nossas Perplexidades de Existirmos em Homem. Haja, também, as Perplexidades das coisas em se existirem em Montanhas, Peixe, Centopéias, Estrelas, Galáxias e das Sombras em se existirem Sombras. Pois eu sou Serdespanto. Como tudo é. E sou também Os animais da terra, do livro que escrevi com esse título, todos os animais da terra. E também sou a Asa e sou a Serpente. Em Andara, sou, somos, sempre Queda e Ascensão, Ascensões e Quedas.*

Novamente relacionando Andara aos Manifestos. Neles você quer como que erguer a Amazônia a uma estatura acima da Civilização, por sua condição de Natureza Sagrada. Mas seus personagens estão em perpétua queda. Todos os 15 livros visíveis de Andara estão como que marcados por uma negação, embora neles se veja tantas asas no ar, de aves, anjos e até de seres humanos alados. O que impede a ascensão? Você elegeu como uma espécie de meta de Andara a frase: - *Atravessar o que nos nega, chegar ao Sim*. A pergunta é: - Até quando atravessaremos para chegar ao sim?

VFC: *Mais uma vez, só posso repetir o que já disse antes, literalmente: - O homem precisa se deixar cair do ponto insustentável onde se instalou para ter o direito de adquirir asas. Será durante a sua Queda que irá descobrir sua Leveza possível. Assim agarrado em seu próprio tronco, pendurado de si mesmo como se mantém, auto-suficiente fruta que não dá frutos, como poderá cumprir a sua missão de semear-se, de semear a coisa humana na Terra e ser a chuva inversa dos Céus? Em Andara está tudo*

caindo e tudo subindo, sim. Entre o Sagrado e o Profano. Andara é esse se cruzar no meio do caminho entre a asa e a serpente, passando pelo homem agarrado em seu tronco e lançando sobre ele Clarões e Sombras para que finalmente veja: a Terra lá no alto, o Céu embaixo de si. Eu disse que gosto de falar com as palavras das imagens. As palavras são ressequimentos, belos ressequimentos, mas nas Imagens ainda há o viço. E é com esse viço que eu convido. - Imagina: que estamos no centro da Terra, no coração do Coração da Matéria: e então aí alguma coisa vibra imperceptivelmente: depois, mais perceptivelmente, e vai se nascendo e é: uma semente: um caule: a luz do Sol e desabrocha uma Flor: que se vive, e depois vai murchando, fenecendo: uma parte se curvando, retornando à Terra, mas a outra: a Outra: o seu perfume, se evolvendo e ascendendo aos céus: sempre ascendendo, passando pelas aves que voam sob as nuvens e mais adiante já pelas Aves que voam por sobre as nuvens, e diz-se disso: Anjos?: e sempre subindo o perfume da Flor indo em sentido inverso à flor coisa fenecível, então irremediavelmente fenecida, e já deixando as Aves mais altas para trás e agora passando pela luz das estrelas, tantas Galáxias a ultrapassar, eis: o perfume penetra, também irremediavelmente atraído, como a flor fenecida pela Terra, na Luz que deu luz às estrelas: que agora também ficando para trás: é a Pura Luz que chama, Chama onde mergulha e na qual se funde o perfume: o Perfume: indo cada vez mais fundo através dessa Luz até tocar a Semente Sem Luz, a Semente que nem Luz é ainda: diríamos: a Semente sem semente: agora estamos no Coração do coração sem coração das coisas: e aí, eis: então alguma coisa vibra imperceptivelmente ainda não coisa: depois, mais perceptivelmente, e vai se nascendo e é uma semente: a Semente que está, sempre esteve nascendo no centro da Terra, no coração do Coração da Matéria. Ponto final. Eu te pergunto: saímos do mesmo lugar? Não. Esta não foi uma viagem entre dois pontos, foi uma viagem entre um ponto e ele mesmo. Não há dois pontos e um espaço entre eles a percorrer. Só a viagem: a Viagem. Só ela acontece. Só a ela é dado acontecer. Andara é essa viagem, entre dois pontos que não existem. Andara é o Lugar de Nenhum Lugar, por isso é o Lugar de Todos os Lugares. Para poder tocar essas dimensões, Andara não é mais Literatura, é Escritura e desvio onto-introspectivo, em relação à Literatura. Eu só creio na Literatura praticada como ontologia e na Palavra praticada como vida. Em relação à Literatura e à Vida, Andara é Coisa que viaja por dentro e no sentido inverso: quer retornar dos dedos dos pés ao calcanhar de Aquiles do homem, ali onde ele é mais sensível à Hipótese Onírica e Lúdica e Naturalmente Sagrada da vida. Andara quer a Origem, o Antes do ponto em que tudo começou a se

perder do Todo, o ponto oculto de nós, homens, que só se consente a nós em Relances, Vislumbres. Que permitem ver O Onde e o Quando o natural e o sobrenatural ainda não haviam sido deformados como oposições que se excluem mutuamente.

No Segundo Manifesto Curau você passa às gerações de amanhã a responsabilidade pela Amazônia. Como quem diz: - Agora caberá a vocês zelar para que ainda exista o Sagrado na Terra, ou não. E quanto a Andara, qual será o Futuro de Andara? Você não se inquieta que Andara seja mantida à margem do grande mercado editorial e quase inacessível aos leitores, numa posição marginal semelhante a da Amazônia em relação à Civilização? Qual seria o destino final de Andara? Um destino mítico?

VFC: Bem, isto já é uma Arqueologia do Futuro. Sobre isso eu volto a dizer: - Os livros de Andara sempre terminam, devessem terminar com a frase: A viagem a Andara não tem fim. Admitir que os livros escritos de Andara pudessem ter um fim, isso seria como admitir que a vida visível pudesse ter um fim. Não peço que ninguém me acompanhe nisso que agora vou dizer, se não foi chamado pelas cigarras, se não teve a experiência do Homem em flor, que eu tive e contei em outro lugar, mas dela aqui não falei, se não recebeu e tem guardado um pássaro dentro do peito como o que um dia entrou no meu e nele até hoje habita. Para ter um fim, uma coisa precisa existir. E os livros visíveis de Andara existem, a vida visível existe? A vida, a visível, escrita ou vivida, é da natureza das miragens. É isso que oscila entre o Florescer e o Fenecer. Ser de empréstimo, transeunte. Seu encanto é sua natureza de passagem. Suas palavras favoritas são Sonho, Efêmero, Fugaz. Existe é o transbordamento do Vazio, o vazio no centro que faz toda a roda girar. Existe é Vida invisível, mas dessa: Dessa: como falar a propósito dela a palavra Fim? Quando os livros escritos de Andara tiverem deixado de existir um dia, e o Sol, a Terra, a Amazônia e talvez os homens como hoje são conhecidos – quando tudo o que existe deixar de existir, a Viagem a Andara o Livro Invisível que não é escrito continuará existindo em sua existência de não-livro. Com Andara se deu o Gênesis dos caminhos vegetais, ao longo desses anos todos de surgimento do livro invisível: Andara começou como uma Semente: era apenas um bairro esquecido à beira de um rio indolente da cidade de Santa Maria do Grão habitado pelos mortos de um cemitério esquecido e a floresta ia retornando sobre a Civilização, recobrando tudo: depois Andara se tornou um Arbusto: foi quando ela, crescendo, se expandindo, se tornou a Amazônia inteira: depois, eis Andara Árvore, e

dando seus frutos: foi quando sua expansão a levou a se tornar uma região-metáfora da vida inteira: agora, nos últimos livros escritos de Andara que vão nutrindo o não-livro invisível, eis Andara Floresta: ela pulsando lá, no bairro esquecido inicial, mas já vai indo desse pequeno bairro esquecido da cidade do Grão até as distantes Galáxias, imensas. Andara sempre quis e o que mais quer é ir do Visível ao Invisível. E isso não é o caminho para um fim, que é sempre uma Queda, mas um percurso para a origem: a Origem de Tudo, o que é uma Ascensão. Aquela Alquimia em que tudo cesse suas vidas separadas e se funda no Uno: prosa, poesia, meditações, reflexões, texto em Escritura, insetos e homens, o Visível e o Invisível, o dito e o não dito, o Silêncio e a Voz, a página branca e a página escrita, o sonhado e o vivido. Andara quer a fusão total, quer a fissão que abra a Fenda por onde tudo se reencontre na Unidade Original. Andara tem um segredo sentido, mas não está onde parece estar sendo buscados pelos leitores, pela crítica especializada em Literatura, porque não é um sentido simplesmente literário: a Chave para Andara só pode ser achada na própria Vida, é inútil buscar nela como apenas Literatura. Para ler Andara, não basta saber ler letrinhas no papel, e, aliás, nem mesmo é preciso ler Andara: mas é indispensável conseguir ler através do lido: aí se renovará a Alegria que me foi transmitida por aquela florzinha que bebeu a água dos meus olhos quando eu era criança. E então se lerá Andara. É essa Alegria que escreve Andara. Não eu, que sem ela provavelmente jamais escreveria nada. É ela, como já disse, que através de mim inscreve o Vazio em Andara. Mas não é tão preocupante assim que Andara esteja um tanto fora do Mercado de Livros. Na verdade, não está. Como poderia, se o Mercado de Livros, como os insetos e as estrelas, já está dentro de Andara? A Imaginação é a nossa maior boca de perguntas, contém tudo. Em Andara, se a pedra se pergunta: Um dia serei semente, e serei árvore, e darei frutos? Se o Vento se pergunta: que Pulmão me emite como voz sem palavras, por que às vezes cesso, e é como se nunca houvesse existido? Se o Homem se pergunta: a minha sombra é mais real que eu? Todas essas perguntas deixam de ser perguntas no momento em que são feitas e se tornam realidades de Andara. Então, o que é e o que não é e o que será e jamais será, ou já foi – tudo se absorve em Andara, que, reconhecendo a ignorância humana, é Terra de Hipóteses. Melhor assim do que a arrogância tola de um Saber que ainda não temos. Mas vê que eu não sou o que se chama de um pessimista: eu disse: - Um Saber que ainda não temos.